

NO BRASIL

A PRODUÇÃO agrícola brasileira deverá crescer, em 1977, a uma taxa de 13% em relação ao ano anterior, desempenho considerado bastante satisfatório por especialistas e autoridades governamentais. Isto porque o esforço do empresariado ligado às atividades da agricultura, aliado ao apoio do governo, vem sofrendo limitações, que se devem, sobretudo, a problemas conjunturais do mercado internacional de matérias-primas de origem agrícola e, naturalmente, às dificuldades impostas pela crise do petróleo. A elevação dos preços dos combustíveis teve reflexo imediato em algumas culturas mais tecnificadas da região Sul e Sudeste do País, onde a utilização de fertilizantes derivados do petróleo vinha registrando taxas crescentes.

Algumas medidas governamentais foram postas em prática, nos dois últimos anos, para minimizar os efeitos da crise. Um subsídio de 40% ao preço do fertilizante, por exemplo, foi adotado em 1975. Este ano, a medida foi suspensa, mas outro mecanismo está sendo estudado para evitar que a utilização de adubos encareça demais os custos de algumas lavouras e torne proibitivos os preços de certos produtos, tanto no mercado interno quanto nas disputas no comércio internacional. Incentivos aos trabalhos de pesquisa, maior acesso aos créditos e financiamentos, garantia de um preço mínimo de venda para 32 produtos básicos são ações do governo que buscam tornar a agricultura brasileira uma atividade empresarial.

De outra parte, a expectativa de um significativo crescimento de 13% no setor este ano, está intimamente ligada à recuperação de lavouras de café e aos aumentos previstos para o cacau e o feijão-soja. As cotações desses produtos, nos últimos meses, vêm observando sucessivas altas, tendência que naturalmente favorece a economia do País

de modo global e, de forma particular, incentiva novos investimentos na agricultura, de maneira a torná-la mais racional, dinâmica e competitiva. Dela o governo federal faz hoje sua grande opção para compensar os gastos com as importações e equilibrar seu balanço de pagamentos.

SITUAÇÃO

A agricultura, no Brasil, se desenvolve observando duas características marcantes: o crescimento extensivo, pela ocupação de novas áreas com produção; e o crescimento intensivo, em que se adota moderna tecnologia e se produz com maior rendimento por hectare.

A primeira característica marca a atividade agrícola desde a época da colonização (século XVI) até os dias de hoje. Uma justificativa para isto está no fato de que o Brasil é um dos raros países do mundo com áreas disponíveis ainda para ocupação pela agricultura ou pecuária. De sua superfície de pouco mais de 8 milhões 511 mil quilômetros quadrados, atualmente ocupa 5% com agricultura, 19% com pecuária e 2% com reflorestamento. Uma parcela de 2% é considerada imprópria para qualquer atividade produtiva, mas restam ainda 72% para utilização econômica. Essas áreas estão localizadas nas regiões Norte (incluindo a Amazônia), Centro-Oeste e Centro-Sul, fundamentalmente. É tendência recente a ocupação de algumas dessas zonas, principalmente com grandes projetos de pecuária extensiva e alguns de produção de grãos.

Uma região que vem merecendo atualmente a atenção dos empresários e do governo é a dos cerrados, ainda muito pouco aproveitada e que soma 182,9 milhões de hectares. São terras pouco férteis, que exigem melhor tratamento, maiores investimentos, mas de aproveitamento indiscutível para a

agricultura. Em 1975, o governo lançou o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro), exatamente para estimular o uso intensivo dessas áreas. Ainda sem uma resposta significativa, em termos de utilização em escala, a região dos cerrados tem demonstrado, através de projetos específicos, sua aptidão mesmo para culturas como o trigo, soja, arroz e milho. É uma das alternativas mais viáveis para o aumento da produção agrícola do país.

A segunda característica — o crescimento intensivo — é observada basicamente nas regiões Sul e Sudeste do país, e mais recentemente, em alguns projetos localizados em áreas do Centro e mesmo do Sudoeste. Busca-se aí o máximo de rendimento por hectare plantado, pela utilização da pesquisa, da máquina, do fertilizante, do defensivo agrícola. As culturas assim desenvolvidas são responsáveis por 80% da produção agrícola do Brasil para abastecimento interno e formação de excedentes que são exportados. São os exemplos do café, no Estado do Paraná e parte de Minas Gerais; do feijão-soja, no Rio Grande do Sul, Paraná, também um pouco em São Paulo e Mato Grosso; e do trigo, fundamentalmente produzido no Rio Grande do Sul e Paraná.

Duas outras exceções são observadas com respeito à regionalização da produção agrícola, principalmente para exportação: o cacau, quase todo obtido no Sul da Bahia (região Nordeste) e a cana-de-açúcar, intensamente cultivada no Nordeste, em áreas próximas ao litoral dos Estados de Pernambuco, Paraíba e Alagoas.

O fenômeno do crescimento intensivo já podia ser registrado ao final da década de 50, mas foi a partir da segunda metade da década de 1960 que passou a merecer a devida atenção. A tendência de uso de tecnologia no Sul e Sudeste levou o governo a ampliar

